

## **MEDIAÇÃO DE LEITURA E INTERAÇÃO EM ESPAÇOS ALTERNATIVOS**

Iran N. Pitthan (UFF)

[irannp@hotmail.com](mailto:irannp@hotmail.com)

Sempre se constatou o efeito causado por qualquer tipo de narrativa, principalmente do ponto de vista psicológico, sobre o que se ouve ou o que se lê. Histórias populares, ou do folclore, tais como mitos e lendas, piadas, provérbios, o pitoresco, as alegorias sempre funcionaram como gatilho do imaginário, abrindo portas para os caminhos da subjetividade, da imaginação, da invenção. Histórias simples podem ser lidas/entendidas como puro deleite e como espaço para a liberdade, quando se pode pensar e decidir por si.

Entre os gregos, aproximadamente desde o século V, a linguagem falada foi considerada instrumento com finalidade prática, tornando-se a mais poderosa arma de lutas políticas, sem a qual não se poderia exercer papel importante (CASSIRER, 1977, p. 183). Em quaisquer circunstâncias, as palavras não teriam função se não fossem organizadas para entendermos o mundo, nossas dificuldades e conquistas, nem o diálogo seria possível se o *entender* não estivesse submetido ao *Ler* em sentido amplo. E tudo pode ser lido. Segundo Affonso Romano de Sant'Anna (2011), tudo é leitura, tudo é decifração, tudo é texto. Todo o tempo, estamos lendo, lendo os sinais, as expressões, os símbolos, os cheiros, as cores, os grafismos. Lendo a vida.

A autonomia no processo de leitura deveria fazer parte das habilidades de aprendizes a partir dos seis anos. A leitura em voz alta deveria ser praticada, não somente como exercício de decodificação, levando em consideração aspectos como fluência e entonação, mas, muito mais que isso, como exercício de comunhão entre semelhantes, em qualquer lugar onde se reúnam mais de dois. Estabelecer parceria para a leitura retoma um tempo em que, mais do que a voz, exercitava-se a audição e o respeito ao ritmo de cada um. Seria interessante reabrir um espaço de reflexão sobre como exercitar o ato de ler também fora da sala de aula ou dos espaços tradicionalmente criados para isso.

No livro *A arte de ler* Michele Petit (2010) narra experiências de leitura em locais que ela chama de “espaços em crise”. Ela afirma que essa atividade ajuda a resistir às adversidades, mesmo nos contextos mais

terríveis. São experiências literárias compartilhadas, acontecem em espaços alternativos, de liberdade, sem obrigatoriedade ou controle de presença, sem preocupação com rendimento, nem resultados quantitativos. Essa leitura compartilhada aconteceu, segundo ela, na América Latina, com jovens saídos da guerrilha, outros que sofreram abusos, grupos paramilitares, soldados feridos, doentes, toxicômanos, populações de rua ou desalojadas, mães de crianças pequenas em situação de extrema pobreza, entre outros.

O dispositivo pode ser muito simples: propor suportes escritos a pessoas que não estão acostumadas a eles. Ler em voz alta e aguardar a voz dos participantes em comentários ou, até mesmo, relatos pessoais. Todo texto lido desperta pensamentos e palavras. A mediação de leitura e a *performance* em espaços alternativos pode ser realizada com qualquer escrito. Com um conto, um poema, uma canção ou quaisquer anotações, todo receptor, qualquer indivíduo pode ler sua vida de forma indireta, interessar-se por falar de sua própria história e, o mais importante, compartilhar experiências: ei-lo, então, narrador.

A importância de práticas leitoras, em círculos de leitura, pode ser uma contagiante forma de partilhar imagens e pensamentos, suscitados por histórias, especialmente para aqueles que pouco ou nenhum contato têm com o livro e o processo de narração. Essa mobilização permite inclusão e ousadia num círculo que pode se abrir para novos leitores, vozes, ritmos, novas ousadias.

Deixar de ser mero ouvinte para se tornar construtor de sentidos, aguça a consciência do indivíduo, que passa a se reconhecer como integrante de uma engrenagem na qual deve estar bem incorporado, com a qual estabelece diálogos possíveis e troca sem prescindir da participação, da autonomia, da cidadania.

Desenvolver a capacidade de ouvir seus próprios *sentimentos* adormecidos, suas dores silenciadas, suas experiências ajuda a desenvolver a consciência do espaço e do direito do outro. Direito à palavra, à troca, à comunhão com o diferente como possível desdobramento de saberes.

Em todo ato de leitura, ou de escuta do texto, enquanto se é conquistado por palavras e ideias, vai-se conquistando e se deixando fascinar, vencendo as dificuldades para construir sentidos, um *sofrido prazer* classificado de *sublime* (BLOOM, 2001, p. 25). Não se deve ler com o intuito apenas de contradizer ou contestar nem para acreditar ou concor-

dar, mas para refletir e avaliar, desenvolvendo senso crítico. No livro “Como e por que ler”, Haroldo Bloom afirma que a leitura deve ser feita de forma interessante, buscando algo que nos diga respeito, que possa ser utilizado como base para a reflexão, que pareça ser fruto de uma natureza semelhante a nossa. Essas ideias claramente podem ser as que formam as bases da experiência de Michele Petit.

A leitura prepara para uma grande transformação, ajuda a ultrapassar o particular para alcançar caráter universal e esta breve reflexão sobre sua prática tem como propósito discutir como fazer isso de maneira motivadora, como despertar a capacidade leitora a partir da mediação e da interação, em espaços alternativos asilos, hospitais, orfanatos, empresas, praças, praias, campos de futebol entre outros.

A ação de ler, como exercício de conhecimento, desenvolve o autocontrole e o poder de decisão, tomando conhecimento de uma liberdade asfixiada. Nosso interesse é buscar caminhos para que se desenvolva o prazer com o ato de ler para, com isso, levar à capacidade de formar opinião crítica e ponderada avaliação sobre o movimento do mundo.

H. R. Jauss, diz que a leitura sempre será tanto libertação *de* alguma coisa quanto libertação *para* alguma *coisa*. Todo indivíduo pode ser libertado, pela imaginação, de tudo o que o cerceia, que torna sua vida cotidiana constrangedora (1978, p. 130). Para Vincent Jouve, ler é uma *viagem*, um caminho insólito em outra dimensão, movimento que, sempre, enriquece a experiência. Durante a leitura, o leitor desprende-se da realidade, deixa-se envolver pelos ambientes propostos pela narrativa e embrenha-se no universo fictício. E desse experimento, ao retomar a vida real, estará fortificado pelo alimento da ficção (2002).

Por questões diferentes, a leitura foi, cada vez mais, se impondo silenciosa e solitária, desde a Idade Média, passando pelo advento da imprensa e chegando aos nossos dias, ou por práticas religiosas e doutrinárias, ou por medo de perseguições a textos considerados heréticos, ou também pela exigência de silêncio nas bibliotecas públicas. Mas esse exercício, que pode acontecer em grupo com a presença de um mediador, será uma ação com claro caráter performático, e poderá ajudar a despertar o interesse para a atividade de ler.

A diferença da relação do leitor entre um texto poético escrito e um texto transmitido oralmente consiste somente na intensidade da presença (ZUMTHOR, 2000, p. 81). E a importância da mediação está em estimular a assistência e levar o leitor/receptor presente a interagir. Isso

seria a constituição da obra. Mais do que um simples método de comunicação, a *performance* se apresenta como todo um processo criativo e provocativo capaz de sensibilizar, aproximar, acolher.

O conceito de *performance* pensado no ato de leitura mediada ajusta-se ao que Zumthor propõe, quando escreve sobre a presença corporal do leitor, o funcionamento e o efeito das transmissões orais, considerando não simplesmente a voz, “mas a voz em sua qualidade de emanção do corpo e que, em nível sonoro, o representa plenamente” (2000, p. 31). Para o autor, não é menos verdade que toda leitura seja produtividade e que ela gere um prazer. A cada situação de comunicação, diferenciados espaço e local, tempo, número de ouvintes, uso de qualquer tipo de adereço, iluminação, tudo vai contribuir para modificar não o texto, mas os significados nele implícitos ou por ele propostos, demonstrando diferentes intensidades.

A essência da *performance* é o homem. Só o ser humano é capaz de emocionar-se com a palavra lida ou emocionar o outro, dependendo do timbre com que a lança, com afabilidade ou rispidez, com iluminação ou carranca. A palavra é instrumento que, ao ser pronunciada, ganha força no coração e atravessa a garganta gestando a emoção.

A leitura é um processo de transubstanciação do escrito, quando se extrai sentidos do cativo da forma escrita para que se exponha, com efeitos diferenciados a cada situação de comunicação. Esse momento de *oralização* sempre será singular, pois depende dos sentimentos envolvidos no procedimento, não apenas com o texto, com o qual também se estabelece certa afetividade, mas com os ouvidos e os olhos que se predis põem à comunhão.

Qualquer mediação de leitura poderá ser reconhecida como ato performático e, se tudo é texto, o teatro, a música, a pintura, o comportamento político, as situações sociais também são passíveis de leitura. O ator, quando se apresenta em cena, está funcionando como mediador de um texto escrito especificamente para ser representado, mas os professores quando leem para os alunos, os contadores de histórias, os palestrantes ao narrar uma fábula, qualquer expositor, mesmo os pais para seus filhos ao lerem narrativas infantis, todos se utilizam de elementos teatrais, na dramatização de um texto literário.

No ato de ler deve-se considerar, além da palavra em movimento, também o silêncio como o estado primeiro e o tempo necessário à per-

cepção, saber respeitar o espaço do tempo que recorta o dizer e permite a acomodação das informações.

As condições para que a leitura se dê de forma apropriada, podem ser diversas, mas sempre se deve considerar a finalidade do texto e o nível de concentração por ele exigido. A concentração necessária pode ser conseguida pelo mediador, trabalhando com as intenções e com as nuances internas da escrita, considerando que todo texto traz *música* em si. O respeito a esse ritmo interno apresentado por qualquer obra, de qualquer gênero, será fundamentalmente o gatilho para o envolvimento e estabelecerá a seriedade de comunhão, o que levará ao alcance de seu propósito.

Essa *música-voz* cadenciada, intrínseca, que toda escrita traz em si, se respeitada na leitura, desperta o imaginário. Desperta principalmente a capacidade criadora de todo aquele que interage com o texto, com quem com ele se integra para fazê-lo temporariamente deixar de ser a “máquina preguiçosa”: dele ou nele sempre ouvimos algo.

Percebendo a materialidade das palavras e seus significados, instilados por quaisquer efeitos semânticos, nós nos apropriamos do texto e o reconstruímos. Embora suas características sejam sempre mantidas, a sua retomada é que fundamenta novo ritual, sustentado pela pulsação dada pelo mediador: voz, presença, gestual. O fato de a contemporaneidade fazer uso tanto da escrita e da impressão, nos faz necessitados do domínio do uso da leitura da palavra escrita e de sua exposição oral. Pesquisas recentes, realizadas com jovens vestibulandos, constataram que boa parte deles não consegue entender o que leu.

Vivemos, aqui no Brasil, uma grande preocupação – o analfabetismo funcional. Como esses indivíduos podem enfrentar problemas da atualidade sem saber utilizar o instrumento reconhecido como a mais poderosa arma de luta para se comunicar como ator no mundo? Como posicionar-se feito senhor de seu destino para ocupar seu papel social?

Como usar a palavra com a força que somente pode ser construída se houver adequada ordenação ou como organizar o raciocínio lógico, se não há domínio de elementos fundamentais de comunicação, do código, da língua mãe. Talvez a capacidade de argumentação, o senso crítico, o apuro no manejo dessas ferramentas comece simplesmente ao possibilitarmos à criança, e a todos, o contato com o livro, a relação física, o toque, o manuseio.

Hoje há grande preocupação no sentido de reformular o estímulo à leitura desde o ensino básico, fortalecer esse processo e discutir novas práticas para o exercício de ler. Por que não a mediação performática para estimular o contato com a palavra escrita? Para aprender a ler, e a escrever, é necessária instrução. É inegável a importância da escola, mas precisamos de engenhos que facilitem a aprendizagem. E políticas públicas. E coragem. E arte.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula*. Trad.: Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- JAUSS, H. R. *Pour une esthétique de la reception*. Paris: Gallimard, 1978.
- JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: UNESP, 2002.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Ler o mundo*. Rio de Janeiro: Global, 2011.